



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO - FACES

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

WASHINGTON LUIZ DE SOUZA SENA

**ANÁLISE DAS CARTAS DA OBRA *CAPITÃES DE AREIA* E A
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS MENINOS DE RUA**

Brasília - DF

2014

WASHINGTON LUIZ DE SOUZA SENA

**ANÁLISE DAS CARTAS DA OBRA *CAPITÃES DE AREIA* E A
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS MENINOS DE RUA**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES, do Centro Universitário de Brasília - Uniceub, como requisito à aprovação e obtenção do grau de licenciado em Letras Português.

Orientadora: Prof^a. MSc. Débora Cabral

Brasília - DF

2014

WASHINGTON LUIZ DE SOUZA SENA

**ANÁLISE DAS CARTAS DA OBRA *CAPITÃES DE AREIA* E A
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS MENINOS DE RUA**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES, do Centro Universitário de Brasília - Uniceub, como requisito à aprovação e obtenção do grau de licenciado em Letras Português.

Orientadora: Prof^a. Débora Cabral

APROVADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Débora Cabral

Brasília - DF

2014

Dedico este trabalho a minha família e a todos que sempre acreditaram em meus projetos, especialmente a meu filho, Felipe Alejandro (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Teresinha, que sempre acreditou nos meus projetos.

A todos que me apoiaram durante todo o percurso da elaboração deste trabalho e durante o curso.

Agradeço a professora orientadora pelo seu esforço, companheirismo e paciência dedicada.

Agradeço a minha Esposa Patrícia sena pela compreensão, dedicação e paciência.

Aos professores que ao longo do curso me motivaram nesta caminhada.

Aos meus colegas de sala de aula ao longo do curso sem distinção, pois todos foram importantes nesta empreitada.

A todos nós,

Que somos carne, ossos e linguagem

“(...) o caminho que a gente quer é nós que construímos
conforme o risco de Deus.”

W. Senna

RESUMO

É no envolvimento do discurso com outros elementos das práticas sociais, ou seja, nos textos em circulação que se evidenciam aspectos ideológicos, levando-se em conta os efeitos promovidos por estes, ou seja, os usos que as pessoas fazem da linguagem e dos textos para reproduzir relações de dominação e da hegemonia vigente. Analisar os efeitos e as relações existentes entre discursos, representações sociais na construção de identidades, a partir do ângulo dos modos como se operacionaliza a ideologia é o principal objetivo desta pesquisa. Para tanto, esta pesquisa traz alguns conceitos que nos auxiliarão para o seu alcance, os dados compõem-se das cartas publicadas pelo jornal “Folha da Tarde” na obra “Capitães da Areia de Jorge Amado. Neste contexto, insere-se a pesquisa aqui proposta que segue, principalmente, a ótica da Análise do discurso crítica (ADC), os pressupostos teóricos foram, para a análise do discurso crítica, Fairclough (2001); para ideologia, Thompson (2012); Chauí (2012), na análise identitária, emprego Hall (2006), para representações sociais, Moreira (2000); Moita Lopes (2002). Apoiada na metodologia, qualitativa- documental, conforme Marconi; Lakatos (2003). Os resultados da pesquisa apontam que nos enfoques discursivos, os discursos são constituídos de ideologia, e que ao lado de outras constitui representações para a construção de identidades.

Palavras - chave: Discurso, Representações sociais, Identidade. **Capitães de Areia.** Jorge Amado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	12
1.1 HISTÓRICO DO TERMO- IDEOLOGIA	12
1.2 AS CONCEPÇÕES MARXISTA DE IDEOLOGIA	15
1.4 DISCURSO	21
1.5 DISCURSO EM SALA DE AULA	22
1.6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE	24
CAPÍTULO II	28
2.1 METODOLOGIA	28
CAPÍTULO III	30
3.1. ANÁLISE E EVIDÊNCIAS DE VESTÍGIOS IDEOLÓGICOS NO ROMANCE CAPITÃES DA AREIA.....	30
3.2 O ESTUDO DOS CONCEITOS DE IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E IDEOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA CIDADÃ.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

A população brasileira, de modo geral, demonstra encarar os moradores de rua como um grupo ameaçador à sua integridade física. Essa situação gera sensação de insegurança. Trata-se, sim, de uma questão que se deva enfrentar de forma responsável, buscando formas de superação e de inserção dessa comunidade que se encontra a margem de uma sociedade constituída e excludente. Entretanto, ao levar em consideração que a maioria dessas pessoas vive ao relento por falta de políticas governamentais que favoreçam empregabilidade e moradia - o que é obvio - a situação-problema amplia-se para uma questão de políticas públicas de amparo e construção de cidadania.

As questões sociais de segurança pública e moradia ferem a dignidade humana pela invisibilidade impregnada nos desabrigados e pela sensação de insegurança que paira nas ruas, nas casas e nos condomínios. Tal insegurança atinge tanto os sem-teto quanto as famílias abrigadas. Aqueles pela exposição às maldades de vândalos concorrentes e/ou filhos de famílias privilegiadas que se sentem no direito de extinguir os moradores de rua; estas, pelo medo das investidas daqueles.

A propósito, a trama do romance *Capitães da Areia* traz Pedro Bala como protagonista numa ação de atitude de mudança de status, porquanto ele deixa de ser um menino de rua e transforma-se num trabalhador em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Esse é, portanto, o mote que justifica o discurso desse trabalho.

A proposta desse trabalho consiste, portanto, em discorrer sobre a questão de como os discursos constroem ideologia para a representação dos adolescentes retratados na obra, sob a ótica da análise do discurso, a partir das categorias analíticas desenvolvidas por Thompson (2012) e do contexto da trama desenvolvida por Jorge Amado no romance mencionado. A escolha da citada obra como referência para esse trabalho justifica-se pelo valor cultural que esta agrega ao tema e pelo paralelo entre a trama e o contexto brasileiro.

Essa é uma pesquisa de cunho qualitativo, que perpassará pela investigação exploratória e documental, tendo como seu escopo as cartas publicadas no romance “Capitães da areia”, através do Jornal “Folha da Tarde”, analisando como os discursos proferidos refletem a ideologia na representação dos adolescentes retratados como marginais na sociedade baiana.

É cediço que há uma estreita relação entre ideologia e relações de poder, em que este se materializa nos discursos e na linguagem (verbal e não verbal), de forma que o que se convencionou chamar de ideias, crenças e valores resumem-se numa ideologia.

E na literatura isso não ocorre de modo diferente, pois, a ideologia vai permear pelas nuances da sociedade num claro objetivo de exprimir o mundo, na reprodução de valores e crenças, sendo socialmente compartilhados reforçando os seus pressupostos numa clara reflexão de valores de um sistema que subordina a sociedade.

Considerando que o romance de Jorge Amado, por se inserir em uma literatura recheada de ficção, mas que busca propor um repensar da sociedade frente aos seus problemas sociais, escrita num período de grande conturbação e repressão social, mas que, no entanto, se aproxima de uma realidade contemporânea, é que se debruça sobre a sua obra “Capitães da areia” onde estão contidas as cartas trocadas por diferentes camadas da sociedade baiana para analisar como os discursos nelas inseridos operam ideologia.

Portanto, ao longo desta pesquisa apontar-se-ão passagens que possam oferecer elementos que comprovem a relação entre discursos, ideologia, identidade e representações sociais. Inicialmente abordar-se-á os conceitos de ideologia, usando para tal as teorias defendidas por Chuí (2012), Eagleton (1997), o conceito de representações sociais e identidade discutida por Moreira (2000); Hall (2006), discursos na teoria de Fairclough (2001), e os modos de operacionalização da ideologia, Thompson (2011) que nos auxiliarão na análise das cartas contidas no romance “Capitães da areia”.

Logo após será realizado um breve contribuição de como se utilizar desta pesquisa para o seu uso em sala de aula, conforme preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, com vistas a aplicação dos conceitos da ADC e sua metodologia de análises de textos.

Em seguida serão trazidas as cartas publicadas pelo jornal “Folha da Tarde” contidas na obra “Capitães da areia” que nortearão a nossa análise, onde a partir deste corpus buscar-se-á comprovar, se nos discursos contidos nos mesmos são construídas ou reproduzidas ideologias para a representação dos jovens retratados como marginais nas cartas.

Logo após relato a metodologia utilizada que consistirá numa pesquisa qualitativa – documental, que tem como característica, a exploração técnica, sistemática, onde o pesquisador baseia-se em estudos já realizados por teóricos anteriores (Lakatos & Marconi, 2002)

Prosseguindo, apresento a análise dos dados gerados onde comprovo os modos gerais de ideologia e estratégias utilizadas (Thompson, 2002), para categorizar os eventos discursivos. Portanto foram selecionadas oito cartas publicadas pelo Jornal “Folha da Tarde” da obra “Capitães da areia”, por serem representativas de diferentes camadas da sociedade baiana, sendo que em sua escrita analisou-se eventos discursivos dirigidos aos menores retratados como marginais na obra, conforme são apresentados os dados realizo as análises e mostro como aparecem os modos e estratégias de operação da ideologia.

Por fim trago as considerações finais onde resgato conceitos aplicados ao longo desse trabalho verificando como os modos de operacionalização apresentado por Thompson aparecem nas cartas analisadas.

CAPÍTULO I

Neste capítulo é trazido um breve relato do termo ideologia, refazendo o percurso feito pela filósofa Chauí (2012) sobre o termo ideologia, desde a sua concepção primeira até os dias atuais, com suas diferentes formas de conceituação, e contribuições de outros teóricos, a saber, Eagleton (1997), Fairclough (2001), culminando com os modos e estratégias de sua operacionalização, Thompson (2011).

1.1 HISTÓRICO DO TERMO- IDEOLOGIA

Neste trabalho de pesquisa, a proposta não será apenas o de conceituar o termo ideologia, mas principalmente compreendê-la, perceber os seus modos operantes, trazer reflexões a partir de estudiosos que a estudaram em algum momento da história para um determinado tempo, espaço e função. Para compreender o termo ideologia e seu percurso histórico faz-se necessário recorrer a autores que discorrem sobre a sua historicidade ao longo de suas análises em busca de explicar, entender e definir o termo ideologia. Ressalta-se, no entanto, que as diversas áreas científicas a conceituaram de acordo com suas convicções e necessidades, sendo possível haver uma proximidade entre os diversos conceitos para o mesmo objeto de análise.

A ideologia e suas semioses manifestam-se principalmente através dos textos (discursos), construindo e desconstruindo, os esquemas mentais dos sujeitos, refletindo e ditando comportamentos, seu uso forma negativa, estabelece a luta de classes, no entanto há o discurso contra-hegemônico proferido pelas minorias que podem levar a uma mudança de paradigma.

Sendo a linguagem (discursos), o meio mais eficaz de sua propagação, faz-se necessário que os sujeitos dêem mais atenção para a identificação das finalidades que textos e autores pretendem alcançar em relação aos usos dos termos aplicados em seus textos. Uma vez que a identificação só torna-se possível em relações cotidianas e nas interações construídas entre os sujeitos, porém, o senso crítico é construído e sistematizado no espaço escolar.

Portanto essa pesquisa ao analisar as cartas trocadas e publicadas no “Jornal da Tarde” no romance *Capitães da areia*, torna-se importante por trazer para

o ambiente escolar, como as ideologias são operadas através dos textos e quais as estratégias são utilizadas para o alcance de seus objetivos, a transmissão de ideologias. O professor exercendo o seu papel de mediador em discussões ideológicas, dando voz ao aluno, guiando-o na percepção dos aspectos ideológicos presentes no texto, interpretando os dados torna-se um fator preponderante para perceber os traços ideológicos presentes nos textos em circulação na sociedade.

Para tanto, um estudo como o que apresentamos tem sua importância aumentada, pois, a partir desse e agregando textos consumidos pela sociedade, pode ser uma fonte valiosa, tanto em termos gramaticais, quanto um estudo da sociedade, da ideologia e da intencionalidade textual.

O termo ideologia é citado pela primeira vez pelo filósofo francês Destutt de Tracy, em 1801, na obra *Elements de idéologie* (Elementos de ideologia), em que o autor buscava elaborar uma ciência da gênese das ideias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem as relações do ser humano, enquanto organismo vivo com o meio ambiente, ou seja, uma teoria sobre as possibilidades natural ou adquirida (sensíveis), responsável por todas as nossas idéias (CHAUÍ, 2012, p.27).

A esta época o termo ideologia assumia uma conotação positiva e, ao mesmo tempo insuficiente, ou seja, o seu idealizador De Tracy desta nova ciência assume o caráter essencialmente naturalista, onde esta se ocuparia essencialmente com as faculdades intelectuais humanas. A formação das idéias e sua interligação com os aspectos sócios- culturais não estavam nos seus planos imediatos da ideologia, embora admitisse sua ampliação a outras dimensões, como afirma: (Thompson, 2012, p.45)

Embora de Tracy tivesse vista possibilidade de estender a ciência das idéias para a dimensão social e política, muitas de suas contribuições se relacionavam á análise das faculdades intelectuais, ás formas de experiência e aos aspectos da lógica e da gramática.

O termo volta a ser usado por Augusto Comte, em seu *Cours de philosophie positive*, possuindo agora dois significados, o que lhe originou, ou seja, uma atividade filosófica - científica que concebe as relações entre corpo humano e meio ambiente a partir das relações sensíveis numa observação para a construção de ideias e o segundo que coloca como um conjunto de ideias de uma época, tanto como “opinião geral” quanto no sentido de elaboração teórica dos pensadores desta época. (CHAUÍ, 2012, PP31-32).

Em sua elaboração, Augusto Comte considera a transformação e a evolução da humanidade e do espírito humano sob três fases: A fase Fetichista ou teológica, na qual os homens explicam a realidade por meios da ação humana; a fase Metafísica, que explicam a realidade por meio de princípios gerais e abstratos; e a fase positiva ou científica, na qual os homens observam efetivamente a realidade, analisando fatos, encontrando leis gerais e necessárias dos fenômenos naturais e humanos e elaborando uma ciência que explique a sociedade, a sociologia ou a ciência da sociedade.

Augusto Comte a partir de cada fase cria leis gerais para explicar os fenômenos naturais e humanos constituindo a ideologia de cada fase. Para ele ideologia é sinônimo de teoria, entendida como organização sistemática de todos os conhecimentos científicos, elaborada por sábios que, recolhendo opiniões, as organizam, sistematizam, e na fase do progresso ou positiva, corrigem-nas eliminando todo elemento religioso ou metafísico que possa existir.

Encontram-se novamente o termo “ideológico” no livro do sociólogo Emile Durkheim, *As regras do método sociológico*. Durkheim (Quintaneiro ,2009) intenciona criar a sociologia como uma ciência do conhecimento racional, objetivo observacional e necessário para a sociedade. Uma de suas preocupações era avaliar qual o método que permitiria fazê-lo de maneira científica, conclui que ele deveria assemelhar-se ao adotado pelas ciências naturais, mas nem por isso ser uma reprodução, porque os fatos que a Sociologia examina pertencem ao reino social distinguindo de fenômenos da natureza. Para tanto ele se valerá do termo “ideológico” (como sendo o resto, uma sobra de ideias antigas, pré-científicas) para formular o seu conceito de ideologia, esta como sendo todo conhecimento da sociedade que não respeite tais critérios de objetividade. (Quitaneiro ,2009,p.72)

Seu objetivo era criar um método que dessa cientificidade aos estudos sociais, tornando esta ciência distinta e autônoma. Para ele a objetividade é encontrada com a separação entre o sujeito e o objeto do conhecimento para garantir a neutralidade de ambos tratando as relações sociais (entre seres humanos) como coisas diretamente observáveis transparentes para o olhar do sociólogo, a partir de determinados critérios. (CHAUI, 2012 p.39-53).

1.2 AS CONCEPÇÕES MARXISTA DE IDEOLOGIA

Karl Marx (2002) no sec. XIX escreve sobre ideologia em seu livro *A ideologia alemã*, tomando como pressupostos os parâmetros de Hegel dos quais se serviriam pensadores anteriores a ele, faz uma crítica destas concepções, acrescentando-lhes novas e promovendo modificações, como o acréscimo de conceitos relativos a alienação. A ideologia assume lugar de destaque em sua doutrina.

Em sua obra, Marx e Engels (2002) provocam a crítica dos hegelianos ao caracterizar ideologia como a forma de pensar, uma vez que este grupo valorizava o papel das idéias na história e na vida social, o que colocaria o produto da consciência humana como algo possuidor de vida própria, sem vinculação com a realidade e com as transformações necessárias. Para eles ideologia seria, uma doutrina teórica e uma atividade humana que considera a autonomia das idéias sem compreender as condições reais de sua existência e nem mesmo as características da vida sócio- histórica. Como afirma Thompson:

Ideologia neste sentido é uma doutrina teórica e uma atividade que olha erroneamente as idéias com autônomas e eficazes e que não conseguem compreender as condições reais e as características da vida sócias históricas (, 2011, p.51).

Porquanto para Marx e Engels (2002), a respeito destes pressupostos, eles afirmam que as concepções de ideologia dizem respeito à determinação da consciência, a divisão do trabalho e ao estudo científico do mundo sócio-histórico, ou seja, as formas de consciência são determinadas pelas condições materiais da vida e determinação social da consciência, que o desenvolvimento de doutrinas teóricas que vêem as idéias como autônomas tornam-se positiva pela divisão entre o trabalho material e o trabalho intelectual, e mais, que as doutrinas e atividades teóricas que constituem a ideologia seriam explicadas pelo estudo da sociedade e da história.

Sendo assim, nos pressupostos de Marx (2002) ideologia seria algo que falseia a realidade e pode ser operacionalizada apenas pela classe dominante, ou seja, um instrumento de alienação e dominação social, política, cultural e econômica, uma vez que, sendo de domínio apenas das classes dominantes, esta a

utilizaria para o alcance, manutenção e controle do poder das demais classes sociais que não estivesse no topo da pirâmide social. Como diz Chauí:

Ideologia é um dos instrumentos da dominação de classe e uma das formas da luta de classe. A ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados. (2012 p. 94)

Para Marx (2002), os hegelianos ao deixarem o mundo sem modificação, sem conseguirem perceber a conexão entre suas ideias e as condições sócio históricas da Alemanha e tornar sua crítica uma força prática e efetiva para modificá-la caracteriza uso polêmico que ele adota para o termo ideologia, onde Thompson comenta:

Ideologia neste sentido é uma doutrina teórica e uma atividade que olha erroneamente as ideias com autônomas e eficazes e que não conseguem compreender as condições reais e as características da vida sócias históricas (2011, p.51).

Enfim, para Marx (2002), a ideologia é um mascaramento da realidade onde a ideia, os discursos ou as ações escondem um objeto, e a aparência é determinante sobre as demais qualidades do objeto enfocado.

Já o filósofo Eagleton (1997), neomaxista, ou pós estruturalista, enumera dezesseis das vinte e seis definições de ideologia que são utilizadas atualmente. O autor em uma de suas definições afirma o seguinte: “a ideologia é antes uma questão de “discurso” que de “linguagem” – mas uma questão de certos efeitos discursivos concretos que de significação como tal” é voltada para as práticas sociais. Para ele a:

(...) ideologia conservaria a ênfase na promoção e legitimação, de interesses setoriais, restringindo-a, porém, as atividades de um poder social dominante, Isto talvez envolva a suposição que tais ideologias dominantes contribuam para unificar uma formação social de maneira que sejam convenientes para seus governantes; não se trata da imposição de ideias pelos que estão acima, mas de garantir a cumplicidade das classes e dos grupos subordinados e assim por diante. (...) ideologia significa as ideias e as crenças que ajudam a legitimar os interesses de um grupo, ou classe dominante, mediante, sobretudo a distorção e a dissimulação (EAGLETON, 1997, p.39)

A partir deste breve histórico, percebe-se que o termo ideologia que nasce como uma teoria positiva passa a ter um sentido inverso, que Marx o mantém para referir-se á inversão das relações entre ideias e o real, sendo esta tratada como algo externo á realidade.

Chauí (2012) cunhou o seu significado de ideologia comparando com uma balança em que em um dos pratos está a competência da organização e no outro o discurso competente dos especialistas, onde uma das modalidades desse novo modelo capitalista afirma que há somente racionalidade nas leis do mercado (discurso da organização) e na outra ponta que há somente felicidade na competição e no sucesso de quem vence essa competição. Assim para a filósofa ideologia seria, um conjunto de representações e normas, onde as primeiras compreenderiam as ideias e valores e as normas estariam ligadas a condutas que a sociedade prescrevia, ou seja, a sociedade normatiza e regula seus membros como forma de ocultar a divisão da sociedade em classes, sem lhes atribuir tal divisão. (2012, p.131)

Como podemos observar, são múltiplos os conceitos para o termo ideologia, muitos atravessaram décadas, sofreram modificações, contribuindo para o surgimento de novas concepções. Na contemporaneidade surgiram estudiosos que se apropriaram dos estudos já realizados na tentativa de definir as concepções de ideologia, buscando adequá-las aos seus objetos de estudo e áreas de conhecimento. A exemplo de Thompson (2011), que em seu livro *Ideologia e cultura moderna*, que traça um percurso histórico do termo ideologia, onde resgata aspectos de tendência de negatividade do conceito modificando-o como forma definidora de ideologia e como critério de sustentação de relação de dominação busca preencher lacunas presentes no postulado de Marx (2002). Assim pondera Thompson:

De fato, em alguns casos, a ideologia *pode* operar através do ocultamento e do mascaramento das relações sociais, através do obscurecimento ou da falsa interpretação das situações; mais essas são possibilidades contingentes, e não características necessárias da ideologia como tal. (2011, p76)

Por outro lado, temos a noção de ideologia, não tão restrita como no marxismo. A ideologia é vista aqui de maneira mais ampla, entendida como visão de

mundo de uma determinada comunidade social, de um determinado tempo histórico, esta noção compreende a relação linguagem e ideologia estritamente vinculada e necessária, uma vez que é por meio do discurso que a ideologia se materializa.

Neste sentido, todos os discursos são ideológicos, porém, não no sentido de “falsa consciência”, dissimulação ou mascaramento, mas no sentido de que a ideologia é inerente ao sujeito.

1.3 IDEOLOGIAS E COMO OCORRE SUA OPERACIONALIZAÇÃO

Para entender como a ideologia opera de forma mais precisa, faz-se necessário conhecer como a sua compreensão se dá nas estruturas mentais, como essas ideologias são entendidas. “A ideologia burguesa tende a explicar a história através da ideia do progresso, no entanto a função da ideologia é realizar o apagamento das diferenças de classe, fornecendo aos seus membros o sentimento de identidade social”. (Chauí, 2012, p.132)

Para a filósofa Marilena Chauí um dos instrumentos usados para a efetivação da dominação é a constituição do Estado, que monta aparelhos de repressão e coesão social (como educação e mídia) permitindo o exercício do poder sobre a sociedade.

Thompson (2011), ao apoiar-se na concepção de ideologia de Marx (2002), recupera o sentido de negatividade do termo que, para ele com as novas investidas, perderam valor, ou seja, nos trabalhos desenvolvidos por Mark (2002) não há indicativos de que “ideologia seja um elemento Positivo, progressivo ou inevitável da vida social como tal”, devendo ela ser encarada em sua abordagem propriamente crítica/negativa: poder e sentido a que ele chamou de “relação de dominação”, que em circunstâncias particulares ao serem utilizadas por indivíduos ou grupos estabelecem e sustentam relações de poder através do uso das formas simbólicas, ações, falas, imagens e textos. (2011,p.16)

Ao relacionar ideologia com o poder Thompson (20011) nos remete a localização ou posição que o individuo ocupa num determinado campo social ou institucional, onde este tendo a tarefa de tomar decisões, abstrair objetivos e interesses pessoais o fazem com a finalidade de estabelecer e sustentar relações de poder, isto é, a posição e localização do individuo em um contexto específico, o tipo

de informação ou recurso que terá a sua disposição serão determinantes para, desse ponto exercer ou não o seu poder de decisão, organização e mesmo de realização. Com relação a isto pondera Thompson:

(...) quando relações estabelecidas de poder são “sistematicamente assimétricas”, isto é, quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada á efeito. (Thompson, 2002, p. 80)

Ao relacionar a sua análise de ideologia com o poder, Thompson (2011) não só quer enfatizar a luta de classes, mas mostrar novas formas de desigualdade e exploração que servem as ideologias. Ao citar as formas simbólicas o sociólogo quer mostrar que estas são constitutivas da realidade social e que estão envolvidas na criação e na reprodução de relações e práticas.

Thompson (2011) apresenta não só uma forma de pensar ideologia, mas ferramentas para percebê-la e examiná-la a partir dos modos de sua operacionalização, para a manutenção das relações e sustentação de poder. Assim esses modos nos auxiliam para uma análise de como o sentido pode servir em condições sócias históricas específicas a manter essas relações, pois eles estão ligados com várias estratégias de construção simbólica.

Sendo que a utilização desses modos não são as únicas formas de sua percepção, pois eles podem operar de forma independente ou sobrepondo-se uns sobre os outros, ou mesmo reforçando-se mutuamente. A ideologia pode operar além desses modos em circunstâncias sócio histórico particular. Para ele (2011, p.89)

os modos de operação da ideologia e as estratégias que levam ao constructo simbólico demonstram como interagem o sentido e o poder, no estabelecimento e na sustentação das relações de dominação.

Ao destacar as formas simbólicas utilizadas e/ ou reproduzidas por pessoas nos seus contextos sociais e relacionando ideologia com as construções de discursivas realizadas pelo conjunto da sociedade ele aponta um conjunto de modos de como é operado a ideologia. Thompson (2011) nos remete a uma teoria de análise de como os sentidos podem estabelecer e sustentar relações de dominação nos permitindo a perceber as diferentes ideologias (discursos) presentes na sociedade.

A seguir segue um quadro com os cinco modos gerais de operação da ideologia sugeridos por Thompson (2011, p.81 – com adaptações).

QUADRO 1

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATEGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBOLICA
LETITIMAÇÃO Relações de dominação são representadas como legítimas	RACIONALIZAÇÃO (Uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações)
	UNIVERSALIZAÇÃO (interesses específicos são apresentados como interesses gerais)
	NARRATIVAÇÃO (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente)
DISSIMULAÇÃO Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas.	DESLOCAMENTO (deslocamento textual de termos ou expressões)
	EUFEMIZAÇÃO (valorização positiva de instituições, ações ou relações).
	TROPO (sinédoque, metonímia, metáfora).
UNIFICAÇÃO Construção simbólica de identidade coletiva	PADRONIZAÇÃO (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado)
	SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE (construção de símbolos de unidade e identificação).
FRAGMENTAÇÃO Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante	DIFERENCIAÇÃO (ênfase em características que desnudem e impedem a constituição de desafio efetivo)
	EXPURGO DO OUTRO (construção simbólica de um inimigo)
REIFICAÇÃO Retratção de uma situação provisória como permanente e natural	NATURALIZAÇÃO (criação social de história tratada como acontecimento natural)
	ETERNIZAÇÃO (fenômenos sócios- históricos apresentados como permanentes)
	NOMINALIZAÇÃO/ PASSIVAÇÃO (concentração da atenção em certos temas, em prejuízos de outros, com apagamento de atores e ações).

1.4 DISCURSO

Há uma estreita ligação entre linguagem e ideologia que é percebida no campo das ideias, materializando-se no discurso, conforme afirma Chauí (2011), sua reflexão parte dos estudos de Marx e Engels (2002) em “A ideologia alemã”, onde a ideologia é vista como uma falta de consciência, onde os detentores do poder pensam e dominam a consciência social disseminando ideias e valores através dos aparelhos ideológicos de Estado (igreja, escola, etc.).

No contexto desta pesquisa, será abordado o termo discurso enquanto construção ideológica, uma vez que as ideologias se caracterizam pelas significações da realidade, materializando-se nas práticas discursivas, bem como constituem sujeitos contribuindo para a produção, reprodução ou transformações da realidade. Sendo assim, recupera-se o que afirma Fairclough (2001), de que o discurso é constituinte de identidade social, posicionando pessoas como sujeitos sociais e constituintes de papéis sociais.

Para Fairclough (2001), o discurso é o uso da linguagem como prática social e não uma atividade individual, ou reflexa de variáveis situacionais, os discursos constituem sujeitos e relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença. (2001, p.91), para ele:

Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as 'constituem'; diferentes discursos constituem entidades-chave (...) de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (...), e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise de discurso. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22)

A sociedade, ao fazer uso de certas palavras em determinados contextos revela uma ideologia geradora de desigualdade e esta pode se apresentar das mais diversas formas. Ao fazerem uso da linguagem, as pessoas são definidas ou definem-se pelo discurso num processo de construção mediada por práticas discursivas específicas, estando elas relacionadas e posicionadas numa relação de poder, uma vez que o significado nem sempre corresponde ao real, mas sim a uma construção mediada pelas partes em circunstâncias sócio-históricas específicas. Em relação a esse tema Foucault comenta:

Em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que se “dizem” no correr dos dias e das trocas, e que passam com os atos mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. Nós os conhecemos em nosso sistema de cultura; são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera o seu estatuto, e que chamamos de “literários”; em certa medida textos científicos. (, 1970 p.22)

Assim o discurso é social, onde nele é que materializado as formações ideológicas, por ele é que se contesta e reestrutura a dominação e as transformações sociais mediante a prática, por ele se é moldado, mais também capazes de remodelá-lo e reestruturá-lo.

Assim neste contexto é que se insere o corpus a ser analisado, ou seja, as cartas publicadas pelo “Jornal da tarde” na obra *Capitães da areia*, pois tomado o discurso presente nestas cartas, estamos fazendo somente um recorte, onde os resultados das interpretações e as possibilidades de abordagens são infinitos. É por isso que este tipo de análise torna-se interessante, porque de alguma forma reproduz o próprio movimento do funcionamento interno da língua.

Ao utilizarmos dos conceitos da Análise do discurso, podemos precisar que a mesma fala por si própria, através das falas dos participantes, ou melhor, do discurso.

1.5 DISCURSOS EM SALA DE AULA

Com a implantação dos Parâmetros curriculares Nacionais – PCN (2000), os estudos sobre gêneros discursivos, se intensificaram. Sua presença tornou-se eixo norteador para a interpretação e compreensão de textos, bem como intensificou-se sua exigência como forma pedagógica de utilização em sala de aula.

Essa opção metodológica como ferramenta se destaca pela sua natureza social

e interativa da linguagem, sendo considerada em sua dimensão social e cultural. Como destaca o BRASIL (2000, p.18):

o processo de ensino/aprendizagem de língua portuguesa deve pressupor uma visão do que é linguagem verbal. Ela se caracteriza como construção humana e histórica de um sistema linguístico e comunicativo em determinados contextos. Assim, na gênese da linguagem verbal está presentes o homem, seus sistemas simbólicos e comunicativos, em um mundo sociocultural. (BRASIL, 2000, p.18)

Baseado nesta ótica discursiva, os PCN trazem as competências a serem desenvolvidas em Língua portuguesa que é:

analisar, os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando texto/contexto, mediante a natureza, função, organização, estrutura de acordo com condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores, participantes da criação e propagação de ideias e escolhas (BRASIL, 2000, p.20).

Em práticas de ensino/aprendizagem de língua materna orientadas por uma compreensão mais crítica a linguagem deve ser concebida como prática social, mas precisamente como integrante da vida social, estabelecendo relações sociais. A credibilidade dada aos significados dos discursos em sala de aula exerce um papel de extrema importância para a construção de identidades sociais. Por esse espaço constituir como um constructo de conhecimento, de assimetrias interacional, é natural que exerça influência na crença de que é nela que se aprende a representar a si e ao outro.

Portanto, o discurso tem papel central como força mediadora dos processos de construção de nossas identidades sociais, já que o que somos é construído a partir do papel que representamos um para o outro por meio da palavra. [...] Deste modo, sabemos o que podemos dizer para o outro e vice-versa a partir de como estamos posicionados nas práticas discursivas nas quais atuamos com base nas identidades sociais que representamos (MOITA LOPES, 2002, p.198).

Portanto, é nestes espaços sociais em sala de aula, que tendo como características os processos de construção de significados, que a linguagem torna-se um importante instrumento para agir no mundo, se posicionando a partir dos interlocutores aos quais se defronta para compor identidades sociais, tendo em vista o que os outros representam para nós e vice-versa, no mundo dos textos orais e escritos.

1.6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE

Segundo o Dicionário de Análise do Discurso Charaudeau- (Patrick, 2014), o conceito de identidade é de difícil conceituação por ser um termo central das ciências humanas e sociais, sendo objeto de diferentes definições, muitas das quais não contemplam a sua amplitude e abrangência que este termo abarca. No entanto quando se propõe realizar uma análise sob esses pressupostos faz-se necessário em análise do discurso acrescentar ao termo identidade e outras noções, as de sujeito e de alteridade.

A noção de sujeito corresponde à postulação de um ser pensante como o que diz “eu” e a noção de alteridade corresponderia à postulação de que não há a consciência sem a consciência da existência do outro, que é na diferença entre si e o outro que se constitui o sujeito. Charaudeau destaca que:

pode-se considerar que a identidade do sujeito do discurso se constrói de duas maneiras diferentes, em dois domínios que são ao mesmo tempo distintos e complementares, ambos construindo-se em articulação com o ato da enunciação: uma identidade dita Pessoal, uma dita de posicionamento (2014, p.266).

Deve-se, no entanto conceber que identidade não é como uma substância, algo dado e imutável ou uma condição, mas um constructo identitário, um processo de personalização, mutável e provisório, uma construção do eu ao mesmo tempo individual e social em que os componentes psicológicos e sociológicos se articulam organicamente. Essa construção ocorre ao longo da vida se revestindo do acúmulo de várias facetas mutantes, contraditórias entre si, mas que mantém certa organização, coerência e estabilidade. Moreira pondera:

os indivíduos se integram em diferentes grupos sociais, assumindo identidades coletivas, identificando-se com esses grupos, tendo o sentimento de a eles pertencerem, mas, simultaneamente, tendem a diferenciar-se, tornando-se autônomos e afirmando-se como indivíduos, como sujeitos, como atores sociais (2000, P.142).

A controvérsia existente no campo das ciências sociais é o argumento de que as velhas identidades que por muito tempo estabilizaram o mundo social estar

em declínio abalando os quadros de referências que davam a ancoragem estável de identidade ao homem no mundo social, pois, o homem moderno torna-se um ser fragmentado.

Stuart Hall (2006) no livro, afirma que as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas, mudando nossas identidades pessoais e abalando a ideia de sujeitos integrados constituindo uma crise de identidade. Entretanto, a ideia de sujeito unificado e estável se esvai composto não somente de uma só identidade, mas, de várias, e submetendo-se às necessidades objetivas da cultura e das mudanças estruturais e institucionais, tornando o sujeito mais provisório, variável e problemático.

Hall (2006) discorre sobre três concepções que irão nortear o seu conceito de identidade através do sujeito em diferentes períodos da história, a saber:

- a) Sujeito do iluminismo;
- b) Sujeito sociológico e
- c) Sujeito pós- moderno

O Sujeito do iluminismo centra-se na pessoa humana, o indivíduo é visto como um sujeito totalmente centrado, dotado de habilidade da razão de consciência e de razão. Sua essência gira em torno do seu interior, isto é, o seu núcleo era uma identidade de uma pessoa, concepção esta muito individualista de sua identidade grau de probabilidade em que um fenômeno pode ser previsto.

O sujeito sociológico é o resultado da complexidade do mundo moderno e de que o “eu” interior não é uma entidade autônoma e nem auto suficiente, mas formado por relações de interação entre o “eu” e outras pessoas, culturas, valores e símbolos sociais. Seu núcleo permanecia intacto, mas os valores concebidos pela sociedade são perpassados entre os sujeitos, há um diálogo entre o interior e o exterior a identidade estabilizava tanto os sujeitos quanto os mundos culturais reciprocamente tornando-os mais unificados e de certa forma previsto.

O sujeito pós-moderno centra-se na internalização de significados e valores sociais e culturais num alinhamento desses sentimentos internos á realidade objetiva. O sujeito perde a estabilidade e a unidade tornando-se instável e múltiplo deixando de ser um ser biológico para torna-se histórico.

A partir desta crise, surge o sujeito pós-moderno como não possuidor de uma identidade fixa, com essência ou imutável, ele torna-se uma celebração

móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Em sua análise sobre a crise indenícia, Hall (2006) demonstra não somente a fragmentação de códigos culturais, mas como ocorrem os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criando possibilidades de identidades partilhadas e instáveis. Hall demonstra que:

no interior do discurso do consumo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais toda a tradição específica e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Esse fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural”. (2006 p.75-76)

A abordagem aqui concebida sobre Representações sociais parte de uma crítica que tenta romper com uma forma de pensamento fortemente abordada por behavioristas que concebia o sujeito separado do seu contexto social. Essa teoria elaborada por Serge Moscovici, afirma a não existência dessa separação entre o universo interno do indivíduo e o universo externo a este (a sociedade). Assim procurou-se demonstrar que:

que os processos através dos quais os sujeitos representam o mundo são extremamente dinâmicos e não comportam nenhum corte ou separação. O objeto de uma representação faz parte de um contexto ativo e é concebido, pelo menos parcialmente, pela pessoa ou pelo grupo, enquanto prolongamento de seu comportamento. (MOREIRA, 2000, p.118).

Moscovici (apud) Moreira (2000) não se preocupou em conceituar o termo representação social, seu entendimento era o de que uma definição decorreria de um acúmulo de dados empíricos. De acordo com sua teoria a construção de representações sociais não se deve somente a uma atividade cognitiva de classificação e ordenamentos de objetos que nos rodeiam. As representações sociais são uma forma de conhecimento “socialmente elaborado e partilhado tendo um objetivo prático e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social” (MOREIRA, 2000, p.119).

Neste sentido, em psicologia social, a definição de representação social é dada por sua função primeira que é interpretar a realidade que nos, envolve, de um lado, mantendo relações de simbolização e, de outro, atribuindo-lhe

significações (GUIMELLI, Apud CHARAUDEAU, 2014, p.432).

Charaudeau (2014), (citando Marin, 1987) confere três funções para as representações sociais: representação coletiva, que diz respeito à organização dos esquemas de classificação, de ações e de julgamentos; a exibição, do ser social por meio dos rituais, estilizações de vida e signos simbólicos que os tornem visíveis; de presentificação, que é uma forma de encarnação em um representante de uma identidade coletiva.

CONCLUSÃO

Os conceitos até aqui abordados, estão focados como procedimentos teóricos, seu aprofundamento dependerá do foco e da abordagem da pesquisa, todavia, os conceitos e concepções em Análise do discurso são variados, registramos, no entanto que a utilizada nesta pesquisa inseri-se na concebida em estudos da linha inglesa, tendo como expoente o filósofo Fairclough (2001), em relação ao conceito de ideologia, neste trabalho é visto como um processo de construção mediada por práticas discursivas específicas nos quais os participantes estão posicionados em relação ao poder, tendo em vista que o significado não é intrínseco à linguagem, mas sim, a um constructo negociado pelos participantes em circunstâncias sócio – históricos específicos.

Quanto a construção de identidades, entendemos que por se encontrar em constante processo de construção, ela assemelha-se a um edifício em construção onde esse processo ocorre num embate entre antigos e novos paradigmas, sociais, políticos, econômicos, histórico e cultural, onde a linguagem (Discursos) tem um papel fundamental, pois, esta não existe por si mesma, mas, representando- se quando em interação, como lugar social de debate e conflito.

Cabe destacar que as representações de identidade, realizadas por meio do discurso não são representações fieis, mas ao contrário quando representados, adaptados, transformados ou distorcidos atendem interesses daqueles que estão em situação de poder.

CAPÍTULO II

2.1 METODOLOGIA

A motivação para a realização deste trabalho de pesquisa foi o contato com a disciplina análise do discurso que trouxe os estudos referentes à análise crítica do discurso para a sala de aula. Feito este primeiro contato, veio à inquietação de como utilizar os seus estudos para a investigação da escrita nas Cartas contidas no romance “Capitães da areia” e como perceber a ideologia (Thompson, 2011) nos seus escritos, bem como as representações sociais ali descritas para a construção identitária.

A relevância da pesquisa na contemporaneidade se torna necessária tendo em vista a difusão das mais variadas formas de ideologias, através dos meios de comunicação para a manutenção de um *status quo* e uma ordem social imposta.

Para Cervo (2007, p.57), a pesquisa é uma atividade para a investigação de problemas teóricos ou práticos por meio de processos científicos. Na pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas nas mais diversas publicações.

Faz-se imperativo observar o que o que diz LAKATOS & MARCONI a cerca das análises textuais. Para eles (2003, p. 27/28)

Analisar significa estudar, decompor, dissecar, dividir, interpretar. Um texto refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos; portanto é decompor um todo em partes, a fim de poder efetuar um estudo mais completo, encontrando o elemento chave do autor, determinando as relações que prevalecem nas partes constitutivas, compreendendo a maneira pela qual estão organizadas e estruturadas as ideias de maneira hierárquica. (2003, p.27/28)

Para o alcance dos objetivos a que esta pesquisa pretende, será uma investigação qualitativa, perpassando por uma investigação bibliográfico-exploratória e documental, onde serão utilizados os estudos desenvolvidos pela

ADC, que através das análises de textos se utiliza da cientificidade e da interdisciplinaridade para propor uma abordagem crítica da linguagem como prática social, que num diálogo com a ciência social crítica busca suporte para discutir e evidenciar cientificamente, problemas sociais que relacionados ao poder o têm como forma de controle. (RAMALHO & RESENDE, 2011, p.12)

A escolha do corpus baseia-se no que recomenda os Parâmetros Curriculares Nacionais, que é de oferecer ao discente “um objeto de estudo de análise e reflexão pela compreensão da fortuna crítica que procura ampliar sua interpretação”, com vistas ao desenvolvimento de sua competência é nos textos em circulação que o mesmo terá a oportunidade de debater, dizer e ser ouvido, expressar suas idéias, seu ponto de vista em interações e construções para a sua vida social e pessoal.

A seleção dos trechos a ser analisados deve-se ao fato da escritura das mesmas por estas serem carregadas de estereótipos dirigidas aos menores daquela época e que penduram nos dias atuais, sendo os dados obtidos (no caso as cartas publicadas no romance *Capitães da areia*, analisados e interpretados de acordo com as teorias propostas por Chauí (2012); Thompson (2011); Hall (2006); Ramalho & Resende (2006); Fairclough (2001). E análise do pesquisador, levando-se em conta o conhecimento de mundo e inferências sobre o discurso que o texto transmite.

Em seguida é focalizado a importâncias dos estudos sobre ideologia, discurso e representação social em sala de aula, como forma de instrumentalizar os indivíduos de consciência crítica a fim de formar cidadãos conscientes da relação existente entre esses três eixos teóricos presentes no texto.

Finalmente , prosseguimos com a análise propriamente, onde através dos dados gerados, aplicaremos os modos operantes e estratégias da ideologia propostas por Thompson (2011), para tanto selecionamos oito eventos discursivos para a análise, para a percepção dos traços ideológicos presentes nesses eventos.

CAPÍTULO III

3.1. ANÁLISE E EVIDÊNCIAS DE VESTÍGIOS IDEOLÓGICOS NO ROMANCE CAPITÃES DA AREIA

Considerando que a arte literária em muitos casos tem a pretensão de aproximar ficção de uma realidade, revelando traços do cotidiano de uma sociedade em que ela está inserida, também oferece subsídios onde são evidenciados traços ideológicos a partir do discurso contidos no texto. Nessa perspectiva a análise do romance “Capitães de areia” partirá dos teóricos: Chauí (2012); Thompson (2011); Hall (2006); Ramalho & Resende (2006); Fairclough (2001) utilizados, tendo como eixos temáticos os termos discursos, ideologia, representação social e identidade.

No quadro 2 apresento o título da reportagem trazida logo no início do romance, onde a partir desta reportagem são publicadas cartas enviadas ao jornal a certa do assunto publicado em sua matéria jornalística por diferentes camadas da sociedade baiana.

QUADRO 2

<p>CRIANÇAS LADRONAS</p> <p>AS AVENTURAS SINISTRAS DOS “CAPITÃES DA AREIA” – A CIDADE INFESTADA POR CRIANÇAS QUE VIVEM DO FURTO – URGE UMA PROVIDÊNCIA DO JUIZ DE MENORES E DO CHEFE DE POLÍCIA.</p>

Logo no início do romance, o leitor defronta-se com um fragmento de reportagem, onde o título é reproduzido acima (Quadro 2), título esse que leva o leitor a ativar seus conhecimentos interacionais, ou seja, “reconhecer o objetivo ou propósito pretendido no quadro interacional desenhado (Ingedore Koch), 2011, p.44).

O autor (Amado, 1995) transforma o seu leitor em um personagem participante, ao trazer o gênero reportagem para dentro do romance, dando, um tom de veracidade aos fatos relatados. O jornal neste fragmento traz o título em letras grandes, como se quisesse dar destaque àquela notícia. A linguagem e o

vocabulário ferozmente hostil, ou seja, manifesta inimizade revelando uma agressividade ameaçadora a esta parcela da população revela como os discursos das elites são reproduzidos para servir aos seus propósitos e da imprensa. Mostra a posição do autor quanto a valores éticos e morais e sua preocupação com as consequentes formas que as ações defendidas por esta sociedade e atitudes que devam ser tomadas em referências a estes menores.

Ainda em relação ao título o autor sugere uma reflexão quando escreve “[...] As aventuras sinistras dos “Capitães de areia” – a cidade infestada por crianças que vivem do furto [...], havendo um claro discurso que torna essas crianças perigosas, que atentam contra os bons costumes, promovendo a desordem e causando pânico à população. No discurso da reportagem, ao se utilizar do termo “infestada”, o autor retrata as crianças não como seres humanos, mas como animais que se proliferam e se multiplicam causando danos à sociedade e à ordem constituída. O termo “infestada”, também sugere que a presença das crianças não escolhe local ou tempo e que toda a cidade está infestada deles.

QUADRO 3

Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos “Capitães da Areia”, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe.

Esse bando que vive da rapina se compõe pelo que se sabe de um número superior a 100 crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos. Crianças que, naturalmente devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminosa. São chamados de “capitães da areia” porque o cais é o seu quartel general. E tem por comandante um molecote dos seus 14 anos, que é o mais terrível de todos, não só ladrão como já autor de um crime de ferimentos graves praticado na tarde de ontem. Infelizmente a identidade deste chefe é desconhecida.

O que se faz necessário é uma urgente providência da policia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos Institutos de reforma de crianças ou às prisões. Passemos agora a relatar o assalto de ontem, do qual foi vitima um honrado comerciante de nossa praça, que teve sua residência furtada em mais de um conto de réis e um seu empregado ferido pelo desalmado chefe dessa malta de jovens bandidos.

No Corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do Comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados negociantes desta praça, com loja de fazendas na Rua Portugal. É um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua arquitetura colonial. Pois ontem esse remanso de paz e trabalho honesto passou uma hora de indescritível agitação e susto com a invasão que sofreu por parte dos “Capitães da Areia”.

Os moradores do aristocrático bairro estão alarmados e receosos de que os assaltos se sucedam, pois este não é o primeiro levado a efeito pelos “Capitães da Areia”. Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias.

Reportagem publicada no Jornal da Tarde, na página de “Fatos Policiais”, com um clichê da casa do comendador e um deste no momento em que era condecorado.

Verifica-se neste fragmento como os *modus operandi* da ideologia, defendidos por Thompson (2011), manifesta-se um deles é a fragmentação, estratégia utilizada através do expurgo do outro, ou seja, a construção de um inimigo, retratando-o como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo (THOMPSON, 2011, P.87).

Quando essa união se consolida, verifica-se que a sociedade se comporta como um organismo vivo feito de partes ou de órgãos, concebida como um indivíduo coletivo cuja reprodução da divisão de classes é a luta de classes. (CHAUÍ, 2001.p.84)

È notório no fragmento do texto jornalístico que a linguagem utilizada para causar reflexões no leitor sobre o tema exposto, sendo o recurso discursivo legitimador da convocação do Juiz de menores e do Chefe de polícia em que um representa o poder e o outro, a força. Essa convocação dos personagens é feita através de recursos implícitos *crianças*, pressupondo que todas as crianças de rua estão em conflitos com a Lei, estando à margem do contexto social, não retratando somente as do romance, mas, também todas que estão na rua, no caso as do Brasil.

Nesta reportagem o jornal intitula-se o legítimo defensor do povo, por trazer em suas páginas episódios em que os “Capitães de areia” são protagonistas, solicitando providências e já se referindo ao grupo de forma pejorativa.

Nos estudos da ideologia, em sua concepção crítica, torna-se necessário considerar a noção de sentido da linguagem utilizada e como este pode ser usado por indivíduos ou grupos com o fim de estabelecer e sustentar relações de dominação, sentido este referente a formas simbólicas que Thompson (2011) define como sendo “ações, falas, imagens e textos que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como constructo significativos” (THOMPSON, 2011, p.79).

Para tanto, Thompson (2011) afirma que a posição e a localização do indivíduo, num contexto social definido, vão determinar que tipo de informação ou recurso terá à sua disposição, para deste ponto exercer ou não seu poder de decisão, realização e até sua capacidade de organização.

Como verifica-se a posição que o jornal ocupa, neste contexto do romance, o episódio narrado e pedido de providências colocam-no como formador de

opinião, tornando-se o que Foucault (1970) afirma em relação ao discurso que diz:

O discurso nada mais é que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em realidade, inscrevendo-se na ordem do significante (FOUCAULT, 1970, p.49).

No fragmento do *Jornal da tarde*, o leitor é defrontado com um relato trazendo as duas faces da sociedade baiana frente a seus problemas sociais, para a elite um tratamento elogioso e uma descrição prestigiosa (Ver quadro 2), percebe-se essa diferenciação pelos seus referenciais “[...] do qual foi vítima um honrado comerciante [...]. No corredor da vitória, coração do mais chique bairro da cidade. É um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua arquitetura colonial”. Quando o autor traz esses referenciais na realidade refere-se à burguesia da época em seu contexto social refletindo as diferenças de classe.

Para aqueles que se encontram à margem da sociedade é dado um tratamento diferenciado, como afirma Resende & Ramalho (2006, p.34) que “Por outro lado as identidades sociais são construídas por meio de classificações mantidas pelo discurso”.

Por meio do exposto no quadro 3, verifica-se a estratégia utilizada para a construção simbólica através da legitimação baseada na racionalização, ou seja, o seu produtor constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender ou justificar um conjunto de relações, ou instituições sociais, persuadindo o leitor ou o ouvinte de que o que se diz é digno de apoio, onde se é envolvido em um processo simbólico que pode servir, em certas circunstâncias, para criar e sustentar relações de poder. (Thompson, 2011, p.83)

Como as formas simbólicas são reproduzidas constitui um sistema classificatório, ou seja, as identidades são fabricadas no (Quadro 3), o termo “malandros” constitui um desses sistemas, em que a marcação da diferença ocorre por meio da exclusão social. De acordo com Silva (2009, p.40),

nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de um sistema classificatório. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos distintos nós/eles por

exemplo. [...] É por meio da organização e da ordenação das coisas de acordo com sistemas classificatórios que o significado é produzido. (DA SILVA, 2009, p.40)

Verifica-se, enfim, que a recorrência, como atesta Thompson (2011) que os operadores ideológicos que se manifestam através dos escritos delineados pelos discursos introdutórios do romance o caracterizam como um texto, ou seja, um constructo que associa ideologia à linguagem e ao discurso e que ocorrem segundo a recorrência das funções da ideologia nas práticas discursivas de expurgo do outro e da racionalização.

Prosseguindo com a análise do corpus, utiliza-se a primeira carta dirigida ao jornal em que o Chefe de polícia tomando conhecimento dos fatos ocorridos envia à redação do jornal afirmando não ser de sua competência a solução do problema *Bando de delinquentes*, transferindo a competência de solução do problema ao Senhor Juiz de menores como vê no Quadro 4.

QUADRO 4

CARTA DO SECRETÁRIO DO CHEFE DE POLÍCIA À REDAÇÃO DO
 JORNAL DA TARDE

“Sr. diretor do Jornal da Tarde

Cordiais saudações.

Tendo chegado ao conhecimento do doutor chefe de polícia a reportagem publicada ontem na segunda edição desse jornal sobre as atividades dos “Capitães da Areia”, bando de crianças delinquentes, e o assalto levado a efeito por este mesmo bando na residência do comendador José Ferreira, o doutor chefe de polícia se apressa a comunicar à direção deste jornal que a solução do problema compete antes ao juiz de maiores que a polícia. A polícia neste caso deve agir em obediência a um pedido do doutor Juiz de Menores. Mas que, no entanto, vai tomar sérias providências para que semelhantes atentados não se repitam e para que os autores do de anteontem sejam presos para sofrerem o castigo merecido. Pelo exposto fica claramente provado que a polícia não merece nenhuma crítica pela sua atitude em face desse problema. Não tem agido com maior eficiência porque não foi solicitada pelo juiz de menores.

Cordiais saudações.

“Secretário Chefe de Polícia.”

Publicada em primeira página do Jornal da Tarde, com clichê do chefe de polícia e um vasto comentário elogioso.

Há, na carta, uma nítida posição dos detentores do poder no contexto da obra de esquivar-se da solução do problema, transferindo responsabilidades, assim como nos dias atuais onde depara-se com o descaso das autoridades na sua resolução desse recorrente problema. O que se verifica no contexto são as nítidas convergências dos que, em posição de poder e legitimação ou associados a ele buscam estereotipar os menores sem considerar a estrutura social e as condições em que vivem.

Para pontuar essas convergências, os textos mencionam; “Bando que vive da rapina” (Quadro 2), “malta de jovens bandidos” (Quadro 3), “Bando de crianças delinquentes” (Quadro 4). Verifica-se assim como o *modus operandi* da ideologia e pelo qual as relações de dominação são estabelecidas ou sustentadas pela construção simbólica da unidade, ou seja, esse modo se manifesta pela unificação, sendo a estratégia utilizada a padronização em que consiste na constituição de um referencial padrão que é partilhado entre as partes constituintes de um sistema.

Nisso consiste afirmar que quem domina como classe, e determina todo o campo de atuação em sua época histórica, também domina como pensadores e produtores de ideias, regulando sua produção e distribuição disseminando estas como sendo dominantes de sua época CHAUÌ (2012, p.102) ressalta que:

a ideologia consiste precisamente na transformação das ideias da classe dominante em ideias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (ideias).

Assim sendo, os sentidos das palavras veiculados pela mídia, que são dados como representações aos menores de rua têm Caráter ideológico, na medida em que reforçam valores que de alguma forma possam contribuir para a construção de uma identidade negativa sobre eles.

Fairclough (2001), em sua abordagem sobre o significado das palavras, analisa nossa condição como produtores de texto e destaca um dilema ao qual nós, a utilização de palavras que representem o verdadeiro significado que o produtor quer ao produzir um enunciado, pois o significado é de muitos para um e não de um para um, para isso é necessário que façam escolhas sobre como

expressar um significado por meio de palavras e como interpretar, quando nos se defrontado com decisões sobre como interpretar as escolhas que outros produtores fizeram. (2001, p.230)

QUADRO 5

CARTA DO DOUTOR JUIZ DE MENORES À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE

Exmo. Sr. diretor do Jornal da Tarde. Cidade do Salvador

Neste Estado. Meu caro patricio. Cordiais saudações.

Folheando, num dos raros momentos de lazer que me deixam as múltiplas e variadas preocupações do meu espinhoso cargo, o vosso brilhante vespertino, tomei conhecimento de uma epístola do infatigável doutor chefe de polícia do Estado, na qual dizia dos motivos por que a polícia não pudera até a data presente intensificar a meritória campanha contra os menores delinquentes que infestam a nossa urbe. Justifica-se o doutor chefe de polícia declarando que não possuía ordens do juizado de menores no sentido de agir contra a delinquência infantil. Sem querer absolutamente culpar a brilhante e infatigável chefia de polícia, sou obrigado, a bem da verdade essa mesma verdade que tenho colocado como o farol que ilumina a estrada da minha vida com a sua luz puríssima, a declarar que a desculpa não procede. Não procede, senhor diretor, porque ao juizado de menores não compete perseguir e prender os menores delinquentes e, sim, designar o local onde devem cumprir pena, nomear curador para acompanhar qualquer processo contra eles instaurado, etc. Não cabe ao juizado de menores capturarem os pequenos delinquentes. Cabe velar pelo seu destino posterior. E o senhor doutor chefe de polícia sempre há de me encontrar onde o dever me chama, porque jamais, em 50 anos de vida impoluta, deixei de cumpri-lo. Ainda nestes últimos meses que decorreram mandei para o Reformatório de Menores vários menores delinquentes ou abandonados. Não tenho culpa, porém, de que fujam que não se impressionem com o exemplo de trabalho que encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio da fuga, abandonem um ambiente onde se respiram paz e trabalho e onde são tratados com o maior carinho. Fogem e se tornam ainda mais perversos, como se o exemplo que houvessem recebido fosse mau e daninho. Por quê? Isso é um problema que aos psicólogos cabe resolver e não a mim, simples curioso da filosofia. O que quero deixar claro e cristalino, senhor diretor, é que o doutor chefe de polícia pode contar com a melhor ajuda deste juizado de menores para intensificar a campanha contra os menores delinquentes.

De V.Exa, admirador e patricio grato,

“Juiz de Menores.”

Publicada no Jornal da Tarde com o clichê do juiz de menores
em uma coluna e um pequeno comentário elogioso.

Nesta carta direcionada ao Chefe de polícia e publicada no “jornal da tarde”, traz a resposta dada pelo Juiz, que afirma não ser procedente a desculpa, pois, compete à polícia a perseguição e a posterior prisão dos “delinquentes”, cabendo ao Juiz de menores designarem o cumprimento da pena em local apropriado e nomeação de curador para acompanhar processos que seja aberto pela polícia.

Em relação á carta anterior, nesta o juiz exime-se da culpa dos menores estarem fora dos reformatórios, que, segundo eles, proporciona trabalhos “dignos”, e tece uma série de elogios aos locais de albergação, se não encontrando justificativas que esclareçam a fuga desses locais, e colocando-se à disposição para contribuições.

Ao debruçar sob a escrita desta carta, pode-se destacar a disparidade de tratamento que o jornal dispensou as duas cartas aqui já transcritas, publicação em primeira página e vastos comentários elogiosos.

Destaca-se também a forma de tratamento dispensada aos menores de rua “menores delinquentes” em que o Juiz de direito afirma não ter culpa, pela fuga do local por ele designado. Segundo ele, “encontram educação, paz e trabalho sendo tratados com muito carinho”. Verifica-se em sua fala mais um operador da ideologia, ou seja, a Eufemização, que consiste em dar uma valoração positiva a ações, relações sociais e a instituições.

O *modus operandis* deste processo consiste na mudança sutil de sentido de termos que se usa de forma quase imperceptível a utilização de palavras que parecem transmitir algo positivo, no caso do reformatório aprisiona-se o sujeito e descreve que a instituição é um centro de reabilitação.

As metáforas estão em nosso cotidiano, sendo assim o nosso sistema conceptual é metafórico por natureza. Para Fairclough (2001, p.45), quando significamos algo por meio de uma metáfora e não de outra, o que sugere filiação a uma maneira particular de representar aspectos do mundo e identificá-lo.

QUADRO 6

CARTA DE UMA MÃE, COSTUREIRA, À REDAÇÃO DO “JORNAL DATARDE”.

Sr. Redator:

Desculpe os erros e a letra, pois não sou costureira nestas coisas de escrever e se hoje venho a vossa presença é para botar os pontos nos ii. Vi no jornal uma notícia sobre os furtos dos “Capitães da Areia” e logo depois veio à polícia e disse que ia perseguir eles e então o doutor dos menores veio com uma conversa dizendo que era uma pena que eles não se emendavam no reformatório para onde ele mandava os pobres. É pra falar no tal do reformatório que eu escrevo estas mal traçadas linhas. Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma. Meu filho Alonso teve lá seis meses e se eu não arranjasse tirar ele daquele inferno em vida, não sei se o desgraçado viveria mais seis meses. O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três vezes por dia. O diretor de lá vive caindo de bêbedo e gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres. Eu vi isso muitas vezes porque eles não ligam pra gente e diziam que era para dar exemplo. Foi por isso que tirei meu filho de lá. Se o jornal do senhor mandar uma pessoa lá, secreta, há de ver que comida eles comem, o trabalho de escravo que têm, que nem um homem forte aguenta, e as surras que tomam. Mas é preciso que vá secreto senão se eles souberem vira um céu aberto. Vá de repente e á de ver quem tem razão. E por essas e outras que existem os “Capitães da Areia”. Eu prefiro ver meu filho no meio deles que no tal reformatório. Se o senhor quiser ver uma coisa de cortar o coração vá lá. Também se quiser pode conversar com o Padre José Pedro, que foi capelão de lá e viu tudo isso. Ele também pode contar e com melhores palavras que eu não tenho.

Maria Ricardina, costureira.

Publicada na quinta pagina do jornal da Tarde, entre anúncios, sem

clichês e sem comentários

QUADRO 7

CARTA DO PADRE JOSE PEDRO À REDAÇÃO DO “JORNAL DA TARDE”

Sr. Redator do Jornal da Tarde.

Saudações em Cristo.

Tendo lido, no vosso conceituado jornal, a carta de Maria Ricardina que apelava para mim como pessoa que podia esclarecer o que é a vida das crianças recolhidas ao reformatório de menores, sou obrigado a sair da obscuridade em que vivo para vir vos dizer que infelizmente Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave Mestre, senhor Redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos. Eu tenho ido lá levar às crianças o consolo da religião e as encontro pouco dispostas a aceitá-lo devido naturalmente ao ódio que estão acumulando naqueles jovens corações tão dignos de piedade. O que tenho visto senhor Redator, daria um volume.

Muito grato pela atenção.

Servo em Cristo,

Padre José Pedro

Carta publicada na terceira página do Jornal da Tarde, sob o título
“Será Verdade?” e sem comentários.

Nestas duas cartas dirigidas à redação do jornal da tarde, é notória a convergência de posições desses desprovidos de prestígio, um padre e uma costureira que se posicionam em defesa das crianças “numa clara posição de pertencimento a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável” (SILVA, 2000, p.13).

Há dois processos diferenciados: o social e o simbólico, mas ambos são, necessários para a construção das identidades. A marcação simbólica e o meio pelo qual se dá sentido a práticas e as relações sociais. Por este meio é que se

definem quem vai ser incluído ou excluído, é por meio da diferenciação social que essas classificações das diferenças são vividas nas relações sociais.

Verificam-se no conteúdo dessas cartas, recheadas de marcas e diferenciações de tratamento em relação aos diferentes indivíduos que tratam do tema dos menores de rua colocando-os à margem da sociedade constituída no contexto da sua escrita, “Publicada na quinta página do jornal da Tarde, entre anúncios, sem clichês e sem comentários (carta da costureira),” Carta publicada na terceira página do Jornal da Tarde, sob o título “Será Verdade?” e sem comentários (carta do padre). Assim Silva (2000, p.76) Afirma que:

a identidade e a diferença têm que ser relativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural e social. Somos nós que fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais.

Quando Quando a autora (Silva, 2000, p.87) afirma que as identidades são relativamente produzidas, significa dizer que elas são criadas por meio da linguagem. Isso parece óbvio, mas a tendência é a torná-las como dadas, como fatos da vida, pois, esquecem-se que identidade e diferença têm de ser nomeadas.

Assim é possível classificar como a sociedade dominadora tende a aplicar mais um *modus operandi* da ideologia, através da reificação, que consiste numa relação de dominação estabelecida e sustentada pela retratação de uma situação provisória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural e atemporal, é o que verifica-se classificação e na diferenciação da costureira e do padre.

QUADRO 8

CARTA DO DIRETOR DO REFORMATÓRIO À REDAÇÃO DO “JORNAL DA TARDE” “Exmo. Sr. diretor do Jornal da Tarde. Saudações.

Tenho acompanhado com grande interesse a campanha que o brilhante órgão da imprensa baiana, que com tão rútila inteligência dirijis, tem feito contra os crimes apavorantes dos “Capitães da areia”, bando de delinquentes que amedronta a cidade e impede que ela viva sossegadamente. Foi assim que li duas cartas de acusações contra o estabelecimento que dirijo e que a modéstia e somente a modéstia, senhor diretor me impede que chame de modelar. Quanto à carta de uma mulherzinha do povo, não me preocupei com ela, não merecia a minha resposta. Sem dúvida é uma das muitas que aqui vêm e querem impedir que o Reformatório cumpra a sua santa missão de educar os seus filhos. Elas os criam na rua, na pândega, e como eles aqui são submetidos a uma vida exemplar, elas são as primeiras a reclamar, quando deviam beijar as mãos daqueles que estão fazendo dos seus filhos homens de bem. Primeiro vêm pedir lugar para os filhos. Depois sentem falta deles, do produto dos furtos que eles levam para casa, e então saem a reclamar contra o Reformatório. Mas, como já disse senhor diretor, esta carta não me preocupou. Não é uma mulherzinha do povo quem há de compreender a obra que estou realizando a frente deste estabelecimento. O que me abismou, senhor diretor, foi a carta do Padre José Pedro. Este sacerdote, esquecendo as funções do seu cargo, veio lançar contra o estabelecimento que dirijo graves acusações. Esse padre que eu chamarei padre do demônio, se me permitis uma pequena ironia, senhor diretor abusou das suas funções para penetrar no nosso estabelecimento de educação em horas proibidas pelo regulamento e contra ele eu tenho de formular uma séria queixa: ele tem incentivado os menores que o Estado colocou a meu cargo à revolta, à desobediência. Desde que ele penetrou os umbrais desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram. O tal padre é apenas um instigador do mau caráter geral dos menores sob a minha guarda. E por isso vou fechar-lhe as portas desta casa de educação. Porém, senhor diretor, fazendo minhas as palavras da costureira que escreveu a este jornal, sou eu quem vem vos pedir que envieis um redator ao Reformatório. Disso faço questão. Assim podereis, e o público também, ter ciência exata e fé verdadeira sobre a maneira como são tratados os menores que se regeneram no Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados. Espero o vosso redator na segunda-feira. E se não digo que ele venha no dia que quiser é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume nunca me afastar do regulamento. Este é o motivo único por que convido o vosso redator para segunda-feira. Pelo que vos fico imensamente grato, como pela publicação desta. Assim ficará confundido o falso vigário de Cristo. Criado agradecido e admirador atento,

Diretor do Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados

Publicada na 3ª página do Jornal da Tarde com um clichê do reformatório e uma notícia adiantando que na próxima segunda-feira irá um redator do Jornal da Tarde ao reformatório.

UM ESTABELECIMENTO MODELAR ONDE REINAM A PAZ E O TRATADO – UM DIRETOR QUE É UM AMIGO – ÓTIMA COMIDA – CRIANÇAS LADRONAS EM CAMINHO DA REGENERAÇÃO – ACUSAÇÕES IMPROCEDENTES – SÓ UM INCORRIGÍVEL RECLAMA – O “REFORMATÓRIO BAIANO” É UMA GRANDE FAMÍLIA – ONDE DEVIAM ESTAR OS “CAPITÃES DA AREIA”.

Títulos da reportagem publicada na segunda edição de terça-feira do jornal da Tarde, ocupando toda a primeira página, sobre o Reformatório Baiano, com diversos clichês do prédio e um do diretor.

Pode-se perceber uma vez, nesta carta transcrita que são reproduzidos os estigmas e estereótipos direcionados aos menores de rua de modo recorrente nos discursos daqueles que detêm ou estão próximos ao poder. Esses discursos para caracterizá-los fazem parte da representação social elaborada e compartilhada socialmente, portanto revela um esforço de cooperação entre os envolvidos apresentados de forma a gerar um espírito negativo aos menores em estado de abandono e delinquência.

Considerando que as relações de dominação podem ocorrer através dos cinco modos apresentados por Thompson (2011) (quadro 1), verifica-se que na carta anterior ocorre o que se chama de legitimação, que se baseia nos fundamentos racionais, ou, seja, que fazem apelo às regras dadas e constituídas através das estratégias simbólicas.

A estratégia utilizada para caracterizar o discurso utilizado nesta carta é a racionalização, que consiste na construção de uma cadeia de raciocínio que procura defender ou justificar, um conjunto de relações, ou instituições sociais, persuadindo uma audiência (sociedade) de que o que afirmam é algo digno de apoio.

È também notório o destaque dado à publicação da citada carta, onde o jornal dispensa toda a página com diversos chichês e palavras elogiosas, configurando um favorecimento, além de trazer uma grande e eloqüente manchete em primeira página.

3.2 O ESTUDO DOS CONCEITOS DE IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E IDEOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA CIDADÃ.

A análise das cartas evidenciou isso: é um texto carregado de ideologia, e que as estratégias utilizadas para caracterizar, estigmatizar os menores retratados na obra, podem contribuir para discussões sobre temas do cotidiano em sala de aula. Contudo, é preciso que o professor selecione textos para série adequada. No caso analisado o texto torna-se adequado para os alunos do ensino médio, uma vez que este sujeito já apresenta discernimento sobre questões sociais, necessitando apenas de agregar criticidade, tanto nos aspectos do espaço escolar, quanto os que os sujeitos viveu e vive nos espaços de interação ao longo da vida.

O professor exercendo o seu papel de mediador, construindo conhecimento juntos com o aluno, estimulando a criticidade sem, no entanto serem contaminados pelas ideologias vigentes impostas pela minoria dominante, podendo questioná-las e até transformá-la para uma mudança social.

Os aspectos ressaltados nesta Monografia dizem respeito a sociedade brasileira, como um todo. Apesar de esses aspectos serem verificados e dirigirem-se a uma parcela da população ela atinge a toda a sociedade, os efeitos discursivos provocados pela mensagem, nesses discursos e sua forma de torná-los diferentes dependerá da criticidade e de como o processamento de operação da ideologia se dará ao longo da vida para reproduzir ou reestruturar os discursos.

Na contemporaneidade, era de grandes transformações e evolução científica e tecnológicas, onde se vive sob a égide de dois brasis, um industrial e o outro ainda agrário ou em processo de industrialização, um com acesso às tecnologias e o outro em busca de tal objetivo. È com essa disparidade de brasis que se visualiza a necessidade de transformar essa realidade. Como mostra pesquisa realizada pelo IBGE, que diz:

Conforme a pesquisa, apenas 62,6% dos domicílios urbanos, no Brasil, possui, ao mesmo tempo, rede de água, rede de esgoto e coleta de lixo. Em 2001, os 20% mais ricos recebiam 24,3 vezes mais que os 20% mais pobres. Em 2009, esse número diminuiu ligeiramente para 17,8 vezes. O detalhe é que Minas Gerais é o estado da Região Sudeste com a menor renda per capita. Em relação ao acesso ao ensino, as estatísticas

revelam grandes melhoras, sendo que o acesso ao nível fundamental é quase total (97,8%). Porém, no ensino médio a situação muda: entre os jovens de 15 a 17 anos de idade, 50% estão fora do grau adequado, índice bastante alto (IBGE, 2014).

Em um contexto tão complexo é que a educação ou a sua falta tem a sua relevância aumentada para a construção de um Brasil único, cujas diferenças possam ser aceitas, as desigualdades diminuídas e que as ideologias possam ser discutidas e disseminadas, aos garantindo a todos o acesso aos bens e produtos culturais, pois, embora de forma desigual, os processos de transferência de conhecimentos atingem a todos. Para mudar tal quadro, faz-se necessário que, num contexto tão ambíguo de grandes disparidades econômicas e sociais, em que o acesso à informação e a formação ainda requerem um grande esforço individual, temas como o que se apresenta torna-se relevante para o desenvolvimento da criticidade nos sujeitos, tornando o discente um sujeito crítico ou não para mudar ou transformar realidades. (Como sugere Moita Lopes, 2002, p.192)

Aponto que os modos como alunos e professores se posicionam e são posicionados no discurso em relação a essas faces da identidade social tem repercussões na maneira como os alunos se posicionam nos discursos fora da sala de aula. O coronário dessa afirmação é que as identidades sociais são descritas e construídas no discurso, o próprio discurso oferece os meios para que essas identidades sejam reescritas e reconstruídas em outras bases por meio de práticas discursivas em sala de aula. (MOITA LOPES, 2002, p.192)

Assim a inserção de temas relativos aos conceitos de ideologia, representações sociais e identidade constitui um elo para a formação de sujeitos autônomos, que inseridos em seus contextos possam redesenhar a sua realidade, para a partir da percepção dos problemas atuarem de forma consciente, pois saberes compartilhados garantem a formação de caráter e de cidadãos críticos.

A inserção dos estudos de identidade, representação social e ideologia fazem-se necessária haja vista os efeitos que a globalização promove e transformações instantâneas da história. O mundo se remodela a cada instante, novas identidades e nacionalidades são constituídas, e assim novas representações e as novas ideologias difundidas precisam ser compreendidas. Conforme aponta Giddens, 1990 apud. Hall, 2006, p.68)

A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e

substituição uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço.

Para o alcance desses objetivos, não há necessidade de constituição de novas disciplinas, os conceitos e os temas poderão ser diluídos entre as demais disciplinas, cabendo aos professores de Língua Portuguesa desempenhar o papel de mediador textual em relação à construção social dos significados nos contextos dos textos em circulação. Como pondera (Moita Lopes, 2002, p.55)

em uma sociedade na qual a desigualdade é fragante, esse foco na promoção da transformação social por meio da educação linguística, parece essencial. A multiplicidade de identidades que desempenhamos na sociedade pode ser representada pedagogicamente no discurso da sala de aula de modo que sua natureza socioconstrutivista seja trazida à tona e identidades hegemônicas sejam criticadas discursivamente.

Para o professor cabe o papel de mediador, tornando o espaço em sala de aula um local de interação, dando voz aos alunos e guiando-os na interpretação de dados e percepção de traços ideológicos, levando esses sujeitos a tornarem-se críticos e autônomos com vistas a construir a sua própria visão de mundo e construção identitária para mudanças de paradigmas.

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem que essa pesquisa realizou está longe de se esgotar e a interlocução entre as diversas ciências propiciou perceber como nos discursos se materializam as ideologias, que está presente em todos os textos, inclusive no literário, refletindo realidades para que se reproduza ou se reestruture através do conhecimento de sua operacionalização.

A utilização da linguagem através dos seus usos e trocas nos discursos revela ideologia, portanto sua percepção é claramente evidente nos *modus operandi* descritos por Thompson (2011) e revelados através da análise realizada.

O romance de Jorge Amado, ao ser utilizado em sala de aula, torna-se um valioso instrumento para introjetar no aluno e na sociedade discussões que vão

permeiar, em toda a sua vida, uma vez que o tema e as abordagens sugeridas no texto são inesgotáveis e a sua atualidade pertinente para um pensar crítico de uma sociedade. A partir da pergunta de pesquisa, como os discursos operam ideologia nas cartas publicadas no Romance “*Capitães da areia*”. Percebem-se os diversos modos como a ideologia ocorre, e no caso do *corpus* analisado é visível a ocorrência dos *modus operandi*, descritos por Thompson (2001), refletindo a consolidação ideológica da sociedade (que detêm poder) se vale de formas simbólicas de atuação, reproduzindo visões particulares de mundo, naturalizando atores e vozes. Ao se utilizarem de discursos que incutem sentidos negativos a grupos marginalizados, possibilita a ação ideológica por meio da violência simbólica dos detentores do poder.

A análise das cartas trocadas entre as diversas camadas da sociedade baiana na época do contexto da obra evidenciou, a partir de Hall (2006) que a identidade social é como um edifício inacabado, em permanente construção. Compreende-se que este processo ocorre entre os novos e velhos paradigmas, sociais, históricos e culturais e que os discursos colaboram de forma singular para esta construção.

Destaca-se que as representações identitárias são realizadas por meios dos discursos, mas que não são representações fieis da realidade, pois, os elementos representados podem ser transformados ou distorcidos de acordo com os interesses de quem detêm o poder.

Enfim sabendo das influências que as ideologias exercem sob a constituição do sujeito, há de frisar que as concepções defendidas pela análise crítica do discurso que vislumbra a existência de um sujeito ativo, constitutivo, resistente e participante dos processos de transformação histórico, social e cultural, Fairclough (2006), que o mesmo se constrói e se reconstrói baseados em processos discursivos baseados no seu caráter ideológico e não sendo meramente um sujeito passivo, mas que é capaz também de promover uma mudança de paradigma atuando através do contra discurso e revertendo práticas discursivas que o posicionam assimetricamente fora das identidades constituídas.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: ed.Record, 1995.

BRASIL, Ministério da Educação/ Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto. 2014

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

EAGLETON, Terry. **O que é ideologia**-uma introdução. São Paulo: Boi tempo, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília - DF: UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. **“A ordem do Discurso”**. Aula inaugural no college de France pronunciada em 2 de Dezembro de 1970.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. **Desigualdades Sociais no Brasil**. Disponível em: <http://sindjud-pe.jusbrasil.com.br/noticias/2391354/ibge-lanca-pesquisa-que-mapeia-as-desigualdades-sociais-no-brasil-e-revela-avancos_>. Acesso em: 16 nov. 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade – **Fundamento da metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARK & ENGELS, F. **A Ideologia alemã**. São Paulo-SP, Martins Fontes 2002

MOREIRA, Antonia da silva (org.), Oliveira, Deniza Cristina Paredes (org.) **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. 2ª Ed. Goiânia – GO; AB, 2000.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da- **A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. - Campinas- SP -Ed. Mercado de letras, 2002.

QUINTANEIRO, Tânia – Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber-Belo Horizonte: 2ª ed. revista e atualizada - ed. UFMG, 2009

RESENDE, Viviane de melo: RAMALHO, Viviane – **Análise do discurso crítica** – São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2011.